



Campos, H. (2022). *Cartas de Haroldo de Campos a Inês Oseki-Dépré (1967-2003)* (I. Oseki-Dépré, Org.). Editora da UFRJ.

Karina Vilela Vilara

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

k.vilela.vilara@gmail.com 

<https://orcid.org/0000-0002-5734-7414> 

A tradução de poesia no Brasil ocupa um lugar singular e recorrente nas discussões em torno da tradução literária há pelo menos um século. Se, na contemporaneidade, novas tendências se delineiam cada vez mais no apontar para a direção da vida – em uma atualização benjaminiana –, da performatividade, do endereçamento e de conceitos ligados a tal dimensão, vale sempre lembrar Haroldo de Campos como um nome incontornável para esse movimento e para o patrimônio tradutório do Brasil, e não só. O poeta, tradutor e pensador da literatura também se destaca com louvor na cena internacional, bem o sabemos. Suas teorias encontram o calor da discussão quando aparelhadas sobretudo com a prática e a interlocução acerca do processo de traduzir. Assim, essas cartas aqui resenhadas revelam uma importante face da atividade artística e intelectual de Haroldo de Campos: a de interlocutor. O livro de 2022 firma-se como a primeira publicação póstuma da correspondência de Haroldo de Campos e mostra que, na relação e no diálogo, forma-se um propício e fecundo terreno para a tradução poética gerar frutos além-oceano e, ao mesmo tempo, enraizar-se cada vez mais no contexto nacional. E, se a dimensão da vida vem sendo cada vez mais destacada e atualizada no ofício tradutório dos últimos anos, nada mais natural do que dar a ver a importância que a troca intelectual desempenha nesse processo. Inês Oseki-Dépré já evidenciava o caráter das cartas em seu prefácio afirmando que elas (as cartas) “formam uma espécie de diário de bordo, um *récit de vie* no qual os comentários sobre a tradução propriamente dita e os comentários sobre sua produção se tornam inseparáveis” (Campos, 2022, p. 38).

Inês Oseki-Dépré é pesquisadora, tradutora, amiga e correspondente de Haroldo de Campos. Ela assume o importantíssimo papel de protagonista e mediadora entre trocas teórico-literárias, por meio da tradução, na ponte Brasil-França e vice e versa. Dentre seus mais consagrados trabalhos, podemos citar a primeira divulgação dos escritos de Lacan no Brasil, as primeiras traduções brasileiras de poetas contemporâneos francófonos, como Jacques Roubaud e Liliane Giroudon, relevantes contribuições teóricas, como as presentes em *A propósito da literariedade*



(1990)¹, e a tradução e divulgação na França da monumental obra do poeta paulista: *Galáxias*. Apesar do grande fio condutor, ao longo do diálogo em cartas, ser o poema mencionado, observamos também nesta “narrativa” a formação de uma teia de relações que não deixa de ter Inês Oseki-Dépré como coração. Na medida em que o órgão cardíaco bombeia o sangue para que se ramifique entre as veias, analogamente, a tradutora de Haroldo de Campos sempre esteve no centro de intermédio entre o poeta e importantes artistas e intelectuais do território francês e europeu. Na primeira carta, por exemplo, o poeta pedia a Oseki-Dépré que entregasse uma cópia de seu canônico texto “Tradução como criação e como crítica” ao teórico da tradução Georges Mounin; que fizesse contatos em nome da revista *Invenção*; oferece a ela o contato de poetas como Murilo Mendes, que estava na Europa naquele período, e pede que escrevesse em seu nome ao escritor Jean-François Bory. Essa extensa primeira rede de conexões figurava apenas como a inicial fagulha de uma grande e profícua rede por vir.

A edição é organizada da seguinte forma: “o ‘Gálicogaláxio-texto’, via postal, entre Haroldo de Campos e Inês Oseki-Dépré”, assinado por Simone Homem de Mello, o prefácio, por Inês Oseki-Dépré, as cartas divididas em três períodos (1967-1978; 1981-1986; 1991-2003), uma entrevista inédita de Haroldo de Campos, o posfácio, as referências e uma linha do tempo com os títulos de obras e traduções do poeta. Assumidas as cartas como uma espécie de diário de bordo, a linha do tempo ao final do livro opera como um mapa à obra de Haroldo e como aliado indissociável da leitura da correspondência. Neste importante arquivo aberto, são visíveis as preocupações e questões que estavam no plano de fundo da publicação de cada obra sua, como pontos marcados em uma cartografia espacial. Lancemos olhar para tais pontos, então.

Na primeira carta, em março de 1967, Haroldo de Campos inaugura a troca de correspondência por congratular Inês Oseki-Dépré pela escolha do objeto de tese, o romance de Michel Butor. O poeta enfatiza o problema do texto como estrutura na obra de Butor e logo depois comenta, de modo entusiasmado, a leitura de Jakobson por parte de Inês, destacando a importância do ensaio específico de Jakobson, “Linguistique et poétique”. Tais detalhes apontam para um ponto interessantíssimo: a plena comunhão das diferentes esferas da atividade intelectual da vida de Haroldo de Campos. Ao olhar a linha do tempo no fim do livro, vemos que naquele ano era publicada a antologia “Maiakóvski: poemas” (1967), em tradução conjunta de Haroldo e Augusto de Campos e Boris Schnaiderman. Um pequeno detalhe, no fim da carta, deflagra a cena: o poeta se despede de sua interlocutora com dois pedidos. No primeiro pedido, encontra-se circunscrita a atividade tradutória de Haroldo daquele período, quando ele solicita “há um dpt. de línguas eslavas aí? Nome e endereço do diretor” (Campos, 2022, p. 62). Uma vez que se dedicava às traduções de Maiakóvski e tinha aulas de língua russa com Boris Schnaiderman, parecia ser um passo natural o ímpeto por construir relações com intelectuais da área de eslavas – rede que já encontrava certo vigor na relação com Roman Jakobson. A última linha da carta, entre parênteses, depois de assiná-la, também é assaz interessante e eloquente: “– leia ponge – comparar ponge x butor” (Campos, 2022, p. 62). O pano de fundo das produções críticas, poéticas e tradutórias de Haroldo de Campos estava entregue todo ali, desde a primeira carta, no livre diálogo erudito, pessoal e acadêmico. Nesse sentido, além das conexões diretas como a tradução dos russos e o interesse em estabelecer

¹ Obra em que se encontra um pertinente ensaio da pesquisadora, intitulado “Leitura Finita de um Texto Infinito: *Galáxias* de Haroldo de Campos”.

contato com um departamento de eslavas na França, também se encontram nas cartas rastros e deixas para conexões indiretas que podem se constituir, muito abertamente, como objetos de pesquisa. Não só a relação entre Ponge e Butor, como sugere, mas talvez como a presença desses autores, e o interesse vivo por eles, estava, de algum modo, implicado na maneira que o poeta paulista traduziu os russos, por exemplo.

Em 1967, apesar do *boom* da poesia concreta já ter se esvanecido como projeto², as cartas de 30 de maio e de 08 de junho daquele ano desvelam ainda uma forte presença de Haroldo de Campos no contexto da poesia concreta, na cena internacional. Se a presença do grupo Noigandres, enquanto grupo, havia findado sua produção de cunho mais vanguardista-engajado, a recepção e repercussão dos manifestos ainda estavam em plena ebulição. Essas evidências, para além dos textos-manifestos, clarificam um período que teve uma extensão para além de datas fixas e que se atualizou de maneira progressiva através do paulatino passar dos anos e não de maneira abrupta, como alguns tendem a pensar. Logo, notamos que no fim dos anos 1960, a inserção do poeta na cena da poesia concreta ainda é um sólido lugar ocupado pela sua figura intelectual. Tal fato justifica o pleno conhecimento acerca dos poetas concretos de língua inglesa e a produção corrente em antologias, revistas e monografias³, além de seu contato com tais nomes (Campos, 2022). Vale ressaltar que em 1968, Haroldo de Campos ainda era conhecido como membro do grupo Noigandres, como se nota em carta de 24 de dezembro de 1968 (Campos, 2022). Todavia, no início da década de 1970, o autor já passa a problematizar a redução do grupo a um todo coletivo que não mais faz sentido na entrada do novo período. Em 1972, Haroldo de Campos sugere que Inês Oseki-Dépré, na ocasião de um convite da revista francesa *Encres Vives*, escreva artigos que abordem individualmente o trabalho de cada membro. A declaração é importante para entender a passagem do movimento e o momento em que estão inseridos, portanto, ressaltando a individualidade do trabalho de cada poeta do grupo, destacamos:

A alternativa mais viável, a meu ver, com a qual concordaríamos, seria que você mesma – num dos números de ENCRETS VIVES, não necessariamente um número especial sobre vanguarda brasileira – escrevesse um artigo crítico sobre o nosso trabalho, ilustrado com traduções de textos; talvez, mais adequadamente, uma série de três artigos, abordando o trabalho de cada um de nós (Augusto, Décio, eu), uma vez que o tratamento coletivo já a esta altura não funciona: tende antes a englobar tudo num mesmo esquema, do que a delinear, a partir do projeto comum, os traços diferenciais, que são bem marcados e fazem a riqueza e diversidade desse trabalho, solidário, mas não redundante ou meramente homólogo (Campos, 2022, p. 120).

Adiante, outro elemento destacável, acerca do contexto russo, é o registro sobre a antologia de Tzvetan Todorov, *Théorie de la littérature*, em 1968, mesmo ano em que é publicada a célebre antologia *Poesia Russa Moderna*, mais uma vez assinada em tradução por Haroldo e Augusto de Campos e Boris Schnaiderman⁴. Na carta de 25 de janeiro, Haroldo de Campos (2022, p. 73) pontua: “a antologia do todorov⁵ é realmente importante, a primeira a se publicar no ocidente sobre o

² Afirmação baseada nos estudos de Paulo Franchetti “Alguns aspectos da teoria da poesia concreta” (2012), que divide o período do concretismo brasileiro em três fases: 1955-1956, 1956-1958 e 1958-1962).

³ Nessa exposição, Haroldo de Campos (2022) destaca o poeta Ian Hamilton Finlay como o principal concreto de língua inglesa, na Escócia naquele período.

⁴ Cf. linha do tempo no final do livro.

⁵ Os nomes próprios em citação seguem, como no livro resenhado, em letras minúsculas.

formalismo russo (eu a tenho)”. Uma carta depois, já em abril, o poeta anuncia a vinda de Roman Jakobson para uma série de conferências na USP, resultado do contato estabelecido por ele (Campos, 2022). Em maio do mesmo ano, planeja-se também uma vinda de Todorov – “também creio que conseguiremos trazer para o Brasil Todorov, para um curso sobre o formalismo russo (já falei com o Boris Schnaiderman, que ficou de mover os pauzinhos, com minha ajuda)” (Campos, 2022, p. 78) –, que ganha confirmação um ano depois com previsão de chegada de Todorov em setembro de 1969 (Campos, 2022). Tais assinalações contribuem para uma compreensão hoje do cenário maior daquele determinado período dentro desse recorte. São documentos importantes. Entendemos que a leitura que se fez dos russos no Brasil, por um viés essencialmente vanguardista, está diretamente relacionada com a formação teórico-linguística pautada no formalismo russo. Nas cartas, os bastidores são expostos. O acesso que se tem ao formalismo russo, até o presente ano, no Brasil, ainda é dado por meio da mencionada antologia de Todorov, que pairava nas leituras engajadas de Haroldo de Campos coincidentemente ao mesmo tempo da publicação da mais importante antologia de poetas russos no país⁶.

A década de 1970 é inaugurada nas cartas pelo encontro de Haroldo com Caetano Veloso e Gilberto Gil, em exílio em Londres, e o relato da boa recordação dos momentos passados na casa dos músicos. Naquele início dos anos 1970, permanece estreita a relação com Jakobson, o desenvolvimento do pensamento já maturado acerca das vanguardas, presente no estudo sobre *Macunaima*, e outro marco importante na linha cronológica das traduções. Em carta de setembro de 1972, Haroldo de Campos (2022, p. 121) declara: “com Augusto e Décio, já está pronto o nosso MALLARMÉ (sonetos, ‘o fauno’, ‘o lance de dados’ – traduções de textos, a sair até o fim do ano)”; em 1975, o poeta envia enfim um exemplar para Inês Oseki-Dépré. O fim da correspondência do período encerra-se com a menção ao aniversário de 50 anos do poeta paulista, o “sonho mallarmeano com uma próxima aposentadoria” (Campos, 2022, p. 138) e a desilusão diante do ambiente brasileiro cada vez menos receptivo para o novo em poesia.

Entramos na década de 1980 da correspondência a partir de uma assinalada mudança de ventos. Haroldo de Campos na primeira carta daquela década encontra-se em Austin, nos Estados Unidos, como professor convidado. Seu olhar, amadurecido e desiludido mediante o período político em que vive, passa a galgar outros espaços e línguas. Goethe marca sua nova atividade tradutória do período, além da relação com tradutores de sua própria obra, para o espanhol e o francês. Em 1983, Haroldo de Campos dedica-se aos estudos de hebraico e concomitantemente se interessa pelas traduções bíblicas de Henri Meschonnic para o francês. Fato interessante é o apontamento de Haroldo de Campos sobre os trabalhos de Meschonnic: “de quem tenho muitas divergências” (Campos, 2022, p. 150). A divergência não o impede, contudo, de contactá-lo e estabelecer uma relação, na medida em que se envereda pelo idioma hebraico.

Em 1984, atravessando uma fase de turbulência, Haroldo de Campos interrompe os estudos de hebraico. Mas é naquele mesmo ano, vide a linha do tempo no fim da edição, que suas *Galáxias* são publicadas pela editora Ex Libris. O ano de 1984, segundo o crítico Marcos Siscar (2016), representa uma virada na obra do poeta a partir da publicação do ensaio “Poesia e modernidade”, escrito na ocasião do evento comemorativo de 70 anos de Octavio Paz. O ensaio será o marco de

⁶ Afirmamos ser a mais importante com base no trabalho pioneiro de tradução direta e primeira divulgação de poetas até então inéditos no contexto nacional. *Poesia Russa Moderna* é uma reunião que marca a história da tradução no Brasil.

uma nova tomada de direção da produção de Haroldo de Campos, rumo ao poema pós-utópico⁷ e declarado o fim das vanguardas.

A presença de Octavio Paz aparece em carta de 11 de maio de 1985, sobre o qual Haroldo de Campos (2022, p. 179) fala: “Acaba de passar por aqui Octavio Paz: fizemos uma sensacional leitura de poemas no original e na minha tradução perante o anfiteatro lotado da USP. Foi um sarro!”. Mais uma vez, é notória a indissociabilidade entre crítica, poesia e tradução no trabalho de Haroldo de Campos, que, ao passo em que escreve o ensaio “Poesia e modernidade” para o evento de homenagem a Octavio Paz, no mesmo período – um ano depois – organiza uma leitura de poemas, com suas traduções, do poeta mexicano na USP. Na mesma carta, também vemos a reelaboração de projetos tradutórios, que são retomados em reedições ampliadas, como é o caso de Pound e da antologia “Poesia Russa Moderna” (Campos, 2022, p. 179). As relações pessoais seguem o mesmo fluxo do trabalho intelectual, que nunca é superado, mas atualizado e revivido: olhemos para menção a Todorov na passagem “Quanto ao Todorov, como lhe disse por telefone, tem-se mostrado para comigo um cordialíssimo amigo no plano pessoal (conheci-o em Yale, em 68!)” (Campos, 2022, p. 173).

A última fase da correspondência, 1991-2003, tem início com a discussão sobre a elaboração conjunta do livro *Os melhores poemas de Haroldo de Campos*, pela editora Global, com seleção e prefácio de Inês Oseki-Dépré (Campos, 1997). O período é de síntese, retomada e atualização da obra do poeta. *Galáxias* tem sua reedição com um disco que conta com a leitura integral do texto por Haroldo de Campos. Caetano Veloso acabava também de gravar o disco intitulado “circuladô de fulô”, inspirado na obra mencionada. O poeta, naquele ano, aguarda a chegada de Inês Oseki-Dépré e diz com entusiasmo refletido em palavras: “Tudo isso Você vai poder ter em mãos quando vier ao Brasil [...]” (Campos, 2022, p. 194). Em carta de 18.2.1996, a relação de trabalho é discutida em negociações de datas, horários, contatos entre universidades até que testemunhamos Haroldo finalizar aquela carta de tom ‘burocrático’ com a graça de 5 aforismos seus. Destaco o primeiro: “Declinação: o índigo é um caso do azul?”. A todo instante, o leitor sente que nessa correspondência o afeto, o trabalho e a poesia andam indissociavelmente juntos.

Ainda em 1996, surge um grande fruto (dentre vários) da relação tradução/interlocução entre Haroldo e Inês. Depois de mais de uma década de diálogo constante, trabalho conjunto e empenho tradutório de Oseki-Dépré, as *Galáxias* vertidas para a língua francesa encaminham-se para a sua publicação final com autorização de Haroldo:

É claro que tem a minha autorização para a publicação de sua tradução das *Galáxias* em francês. Acompanhei as etapas de seu dedicado trabalho de transposição criativa do meu texto desde o início, contribuindo, sempre que me pareceu oportuno, com sugestões de revisão. Em meu julgamento, você saiu-se com êxito da difícilíssima empresa de re-criar em francês um texto tão complexo quanto o meu, que explora a língua portuguesa até seus extremos limites, transgredindo-os mesmo onde esteticamente relevante (Campos, 2022, p. 221).

Aqui julgo importante frisar o *tempo* da tradução e seu aspecto experimental, laboratorial de falhas e tentativas, em suma, sua sempre condição de inacabamento. A edição compreende fac-símiles de algumas cartas e creio que os que mais chamam atenção são os relativos aos comentários

⁷ Questão que não será discutida nesta resenha. Sobre o assunto, ver Siscar (2016).

de tradução de Haroldo, onde vemos o texto datilografado traduzido por Inês sobreposto pelos comentários, riscos, correções e sugestões do poeta à caneta. O efeito de leitura desvela, de forma tocante, os bastidores de uma tradução, que costuma chegar a nós de forma acabada e resolvida em edições já prontas. Nessas cartas, o aspecto da vida, encarnado no diálogo e na relação entre dois grandes tradutores, ancora-se mais no caminho que na chegada. E não seria esse precisamente o seu sentido mais dinâmico-pulsante?

Entrando nos anos 2000, Inês Oseki-Dépré passa a traduzir Jacques Roubaud, um dos poetas franceses contemporâneos que Haroldo diz mais apreciar. A tradução de Inês, desse modo, é colocada em debate com seu correspondente, prestando-se a comentários e sugestões. Chamo atenção para a bela sugestão de Haroldo para o título da antologia de Roubaud *Quelque chose noir*: “Algo: preto”. Em 2001, na ocasião de viagem à Itália, ele compartilha a notícia: “Na reunião em Verona, promovida pela UNESCO, fui eleito um dos 4 Vice-Presidentes da *Academia Mundial de Poesia*, que congrega escritores de todo o mundo e várias línguas” (Campos, 2022, p. 261).

Na penúltima carta de Haroldo a Inês, 12.1.2003, o autor se mostra alegre, esperançoso e animado ao compartilhar boas notícias daquele tempo, a saber: Gilberto Gil que se tornava Ministro da Cultura e Wally Salomão, secretário de Gil; a surpresa em saber que sua *Iliada Brasileira* era um “surpreendente êxito de venda” e a publicação de seu poema, na Folha de S. Paulo, celebrando a ‘apoteótica’ posse de Lula em Brasília. No arco temporal que a troca de cartas percorre, notamos como Haroldo de Campos foi marcado pela época em que viveu, desde os tenebrosos tempos de ditadura militar no país – seu desânimo era explicitamente declarado em algumas cartas – à feliz abertura de um novo período político, junto com um novo milênio que se apresentava (Campos, 2022).

Retomando o crítico Marcos Siscar (2016), ao falar de Haroldo de Campos como figura pública no contexto de sua poesia pós-utópica (pós 1984), podemos observar grandes ressonâncias de seu debate nas cartas agora publicadas. Siscar (2016, p. 62) fala sobre a “[...] autorreferência do autor na condição de figura pública”. Inaugura-se um período em que Haroldo incorpora em sua obra “[...] um mosaico de remissões no qual reconhecemos não apenas viagens e lugares, mas também relatos de encontros com intelectuais, cientistas e artistas renomados” (Siscar, 2016, p. 22). O poeta se coloca na mídia, participa ativamente do debate político daquelas décadas. Não é de espantar que esse movimento culmine em diversos prêmios, entre eles, o supracitado título de Vice-Presidente da Academia Mundial de Poesia em 2001.

Contudo, se “[...] é sempre através da cultura que ele (Haroldo de Campos) vê a vida. É através do humano que vê a vida e o mundo” (Siscar, 2016, p. 64), o aspecto que essas cartas trazem de inédito e transformador é a revelação da vida *em comum* de um grande gênio da tradução. Nelas, lemos e sentimos o afeto enquanto protagonista de uma correspondência longa e necessária para boa parte do legado do poeta que temos hoje. Haroldo de Campos não se fez um memorável embaixador da poesia de maneira solitária. Desde o início de sua vida artístico-intelectual, a participação em grupo, como foi o caso da poesia concreta e o grupo Noigandres, era o pilar de suas produções e de sua vida pública.

Nas cartas, o leitor tem acesso a um outro capítulo, uma outra face do enorme livro chamado Haroldo de Campos. Sua recepção francesa, sua longa viagem pelo idioma de Mallarmé, todos os percursos que se deram naquele país, passam necessariamente pelo encontro com a importante tradutora Inês Oseki-Dépré. Ouvimos duas vozes – a de Inês em Haroldo e a de Haroldo próprio



– em consonância, que se apresentam a todos aqueles interessados pela obra do poeta paulista, mas também pela tradução de poesia de maneira geral.

Em 16.3.2003, última carta de Haroldo a Inês, ele se despede: “Um abraço do sempreamigo/ Haroldo” (Campos, 2022, p. 270) o que vemos na recolha desses textos que não têm uma conclusão, que não instauram a morte, mas abrem a vida, ressuscitam o poeta, à moda de Maiakóvski: o salto para o futuro que se inaugura está na tradução como *arte do encontro*. E não há outro modo, daqui para frente, de compreendê-la.

Referências

- Campos, H (1997). *Os melhores poemas de Haroldo de Campos* (I. Oseki-Dépré, Org.). Global.
- Campos, H. (2022). *Cartas de Haroldo de Campos a Inês Oseki-Dépré (1967-2003)* (I. Oseki-Dépré, Org.). Editora da UFRJ.
- Siscar, M. (2016). A alavanca da crise: a poesia “pós-utópica” de Haroldo de Campos. In M. Siscar (Ed.), *De volta ao fim: o “fim das vanguardas” como questão da poesia contemporânea* (pp. 42–66). 7 Letras.

Notas editoriais

Contribuição de autoria

Concepção e elaboração do manuscrito: K. V. Vilara
Escrita: revisão e aprovação: K. V. Vilara

Conjunto de dados de pesquisa

Não se aplica.

Financiamento

Não se aplica.

Aprovação de comitê de ética em pesquisa

Não se aplica.

Conflito de interesses

Não se aplica.

Declaração de disponibilidade dos dados da pesquisa

Os dados desta pesquisa, que não estão expressos neste trabalho, poderão ser disponibilizados pelos(as) autores(as) mediante solicitação.

Licença de uso

Autoras e autores cedem à *Cadernos de Tradução* os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Essa licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial nesta revista. Autoras e autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (por exemplo: publicar em repositório institucional, em website pessoal, em redes sociais acadêmicas, publicar uma tradução, ou, ainda, republicar o trabalho como um capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.



Publisher

Cadernos de Tradução é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina. A revista *Cadernos de Tradução* é hospedada pelo [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores e autoras, não representando, necessariamente, a opinião da equipe editorial ou da universidade.

Edição de seção

Andréia Guerini – Willian Moura

Normalização

Alice S. Rezende – Ingrid Bignardi – João G. P. Silveira – Kamila Oliveira

Histórico

Recebido em: 11-07-2025

Aprovado em: 03-09-2025

Revisado em: 30-10-2025

Publicado em: 03-2026

